
O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste

ANTÓNIO M. MONGE SOARES

R E S U M O Prospecções superficiais e escavações arqueológicas no povoado do Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa) permitiram atribuir uma cronologia segura à única ocupação deste povoado, bem como possibilitaram uma caracterização do sistema defensivo construído no mesmo. O povoado, situado na confluência de dois ribeiros, é constituído por dois núcleos, separados por cerca de 250 metros sem quaisquer vestígios arqueológicos. Os artefactos arqueológicos encontrados, de que se destaca a cerâmica de ornatos brunidos, levam a atribuir-lhe uma cronologia dentro do Bronze Final. As boas condições naturais de defesa são complementadas por uma muralha na zona de mais fácil acesso ao povoado. Esta é feita de terra calcada com pequenas pedras, a que se devia sobrepor uma parte em pedra. Adossada à face interna da muralha existe uma possível plataforma construída com terra calcada, tal como aquela. Um campo de cavalos de frisa no exterior da muralha constitui uma linha de defesa adicional junto da possível entrada e torna este sistema defensivo, com esta cronologia, único no Sudoeste.

A B S T R A C T Archaeological surveys and excavations carried out at the settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal) allowed to assign its only phase of occupation to the Late Bronze Age and, at the same time, to investigate and to characterize the built defensive complex. The settlement is located at the confluence of two rivers and it is formed by two *loci* 250 m apart. The finds, namely pattern-burnished pottery, indicate a Late Bronze Age chronology for the Passo Alto. The good natural defences of the settlement are complemented with a rampart on the easiest approach to the site. This feature is an earthen wall, also built possibly with stones in its upper part, and with an earthen platform placed against its inner side. Outside the rampart, a broad band of chevaux de frise provides an additional line of defence on the approach to the possible entrance. This defensive complex with a Late Bronze Age chronology is unique in the Southwest of the Iberian Peninsula.

1. Introdução

O povoado do Passo Alto situa-se na freguesia de Vila Verde de Ficalho, Serpa, na confluência da ribeira de Vidigão com o rio Chança (Fig. 1). Algumas prospecções arqueológicas de superfície permitiram recolher diversa cerâmica, cujas formas e tratamento de superfícies, leva-

ram a situar cronologicamente a ocupação deste povoado no Bronze Final do Sudoeste (Parreira e Soares, 1980).

Essa ocupação distribuiu-se, aparentemente, por dois núcleos (**a** e **b**), separados entre si por uma distância de cerca de 250 metros (Figs. 1 e 2). Entre esses dois núcleos não foi, até hoje, encontrado qualquer vestígio arqueológico. O Passo Alto ocupa, assim, uma área grosseiramente triangular, delimitada pelas margens abruptas do Chança e do seu afluente Vidigão, a qual desce algumas dezenas de metros em direcção ao vértice formado por aqueles dois rios. Neste vértice, a cotas ligeiramente superiores aos 150 metros, num e noutro lado do dorso da colina (ver Fig. 2), especialmente numa pequena área do lado do poente, onde se devem ter conservado algumas estruturas habitacionais, é vulgar o aparecimento de artefactos arqueológicos (cerâmica e um ou outro fragmento de mó manual de granito). A zona do povoado oposta a este vértice (o núcleo **a**) ocupa a área aplanada do Passo Alto de cotas mais elevadas (Figs. 2 e 3). Encontram-se aí numerosos blocos e lajes de xisto, resultantes do derrube de



Fig. 1 Localização do povoado do Passo Alto, representado pelos dois núcleos **a** e **b**, na Carta Militar de Portugal, Folha 534, Esc. 1/25 000, Serviços Cartográficos do Exército, 1945.

uma muralha que, nesse lado, protegia o povoado. Na área destes derrubes tem sido também recolhida alguma cerâmica com formas idênticas às encontradas no núcleo **b**.

Numa região restrita, na área mais a norte, no interior da muralha, observam-se numerosos blocos informes vitrificados de rocha local (xisto com veios de quartzo leitoso).

Na área plana de mais fácil acesso ao povoado, muito próximo da muralha mas no seu exterior, encontra-se um numeroso conjunto de blocos de xisto de forma mais ou menos prismática ou tabular alongada, muitos deles ainda *in situ*, fincados no solo, erectos, com uma altura de cerca de meio metro a um metro.

Poderá, assim, deduzir-se que no povoado do Passo Alto existia um complexo defensivo, constituído por uma muralha e por uma faixa de cavalos de frisa, na área de mais fácil acesso, que protegiam, na sua vizinhança imediata, estruturas eventualmente metalúrgicas (de que os blocos de rocha vitrificada serão indício) e, mais longe, a duas ou três centenas de metros, a zona habitacional, protegida também pelas margens abruptas do Chança e do Vidigão.

Tendo em conta o observado em prospecção superficial foi decidido, numa primeira fase, investigar o complexo defensivo no núcleo **a**, bem como as eventuais estruturas que teriam originado as pedras vitrificadas que aí se encontram. Para uma segunda fase da intervenção de campo ficaria a investigação do núcleo **b** que, como atrás se referiu, se supõe corresponder à área

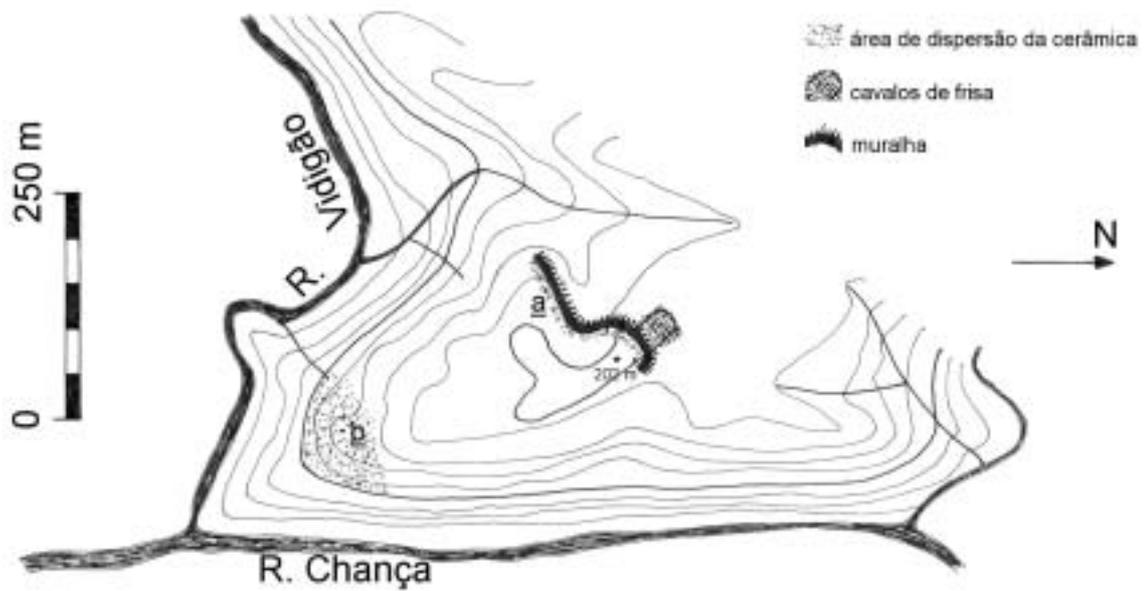


Fig. 2 Localização do povoado do Passo Alto, na Esc. 1/5000, obtida a partir da Fig. 1. Equidistância das curvas de nível: 10 m.



Fig. 3 O povoado do Passo Alto visto de norte. A seta indica a área desmatada (faixa mais clara), onde se situam os cavalos de frisa e se implantou a sondagem.

habitacional. Até hoje, apenas a primeira fase teve algum desenvolvimento, com intervenções de campo em 1984 (de que já foram publicados resultados preliminares em Soares, 1988) e em 1987.

Dado o escasso conhecimento ainda existente sobre o Bronze Final do Sudoeste na área correspondente ao nosso país, dada a inexistência de escavações arqueológicas para esta área e para este período cronológico (os povoados da Corôa do Frade — Arnaud, 1979 — e do Alto do Castelhinho da Serra — Gibson et al., 1998 — ambos não longe de Évora, a oeste, são as únicas excepções, embora as escavações neles realizadas não tivessem sido extensivas, resumindo-se, apenas, a algumas sondagens) e tendo também em conta os resultados obtidos no Passo Alto, que revelaram um sistema defensivo com características até agora únicas no Sudoeste peninsular, resolveu-se publicar, desde já, esses resultados sem esperar pela finalização da investigação que se tinha programado para este povoado.

2. A escavação arqueológica

2.1. Levantamento topográfico

A área objecto de estudo encontrava-se, em 1984, coberta por denso matagal, que foi necessário eliminar previamente ao levantamento topográfico da área dos cavalos de frisa e da zona contígua, onde se implantaria a sondagem arqueológica. O resultado deste levantamento encontra-se na Fig. 4, onde também se representam os limites da sondagem efectuada bem como as pedras fincadas ou cavalos de frisa. O ponto de cota relativa 0 metros, situado na faixa dos cavalos de frisa, corresponde ao ponto de coordenadas X=0 e Y=0, com uma cota absoluta de cerca de 197 metros.

Como se pode observar nas Figs. 4 e 5, os cavalos de frisa ocupam a zona mais plana de acesso ao povoado, entre as cotas -1 m e +1 m, possivelmente barrando o caminho directo para a entrada do povoado, a qual se encontraria no troço da muralha que lhe fica mais próximo. A área preenchida por eles, com cerca de 30 metros de lado, devia ser um pouco maior, estendendo-se mais em direcção NO. Os trabalhos agrícolas dos anos quarenta (cultura de trigo) deverão ser os responsáveis por alguma destruição havida. No seu conjunto, o aspecto é caótico, encontrando-se muitos dos blocos por terra e, provavelmente, algo afastados das suas posições de implantação primitivas. No entanto, alguns deles encontram-se ainda erectos, com certeza *in situ*, parecendo existir alguns alinhamentos transversais nas áreas aparentemente melhor conservadas. As suas dimensões chegam a atingir 1,5 m de comprimento por 40 cm de largura e 20 cm de espessura. As pedras que se encontram ainda fincadas apresentam, no geral, uma altura acima do solo entre o meio metro e um metro.

2.2. Sondagem arqueológica

Uma vez realizado o levantamento topográfico, procedeu-se à implantação de uma sondagem de 18 metros de comprimento por 3 metros de largura, de modo a cortar, na perpendicular, a possível muralha e a englobar parcialmente a região onde se encontram, com maior abundância, os blocos de rocha vitrificadas (ver Fig. 4; Soares, 1988).

Embora só tivesse sido possível, em 1984, retirar a camada de solo superficial, os resultados alcançados pareceram interessantes e prometedores. Assim, verificou-se que a rocha-virgem

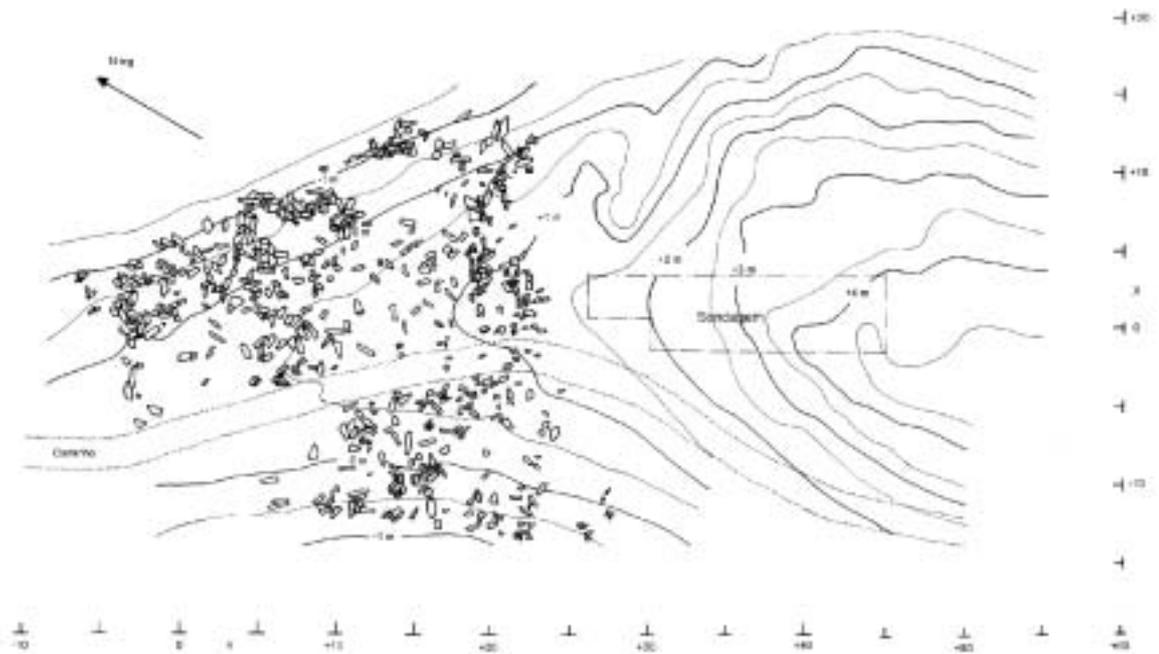


Fig. 4 Planta da zona dos cavalos de frisa e da inserção do corte.



Fig. 5 a) vista geral do campo de cavalos de frisa, a partir do exterior do povoado; b) idem, a partir do interior do recinto muralhado; c), d) pormenores do campo de cavalos de frisa.

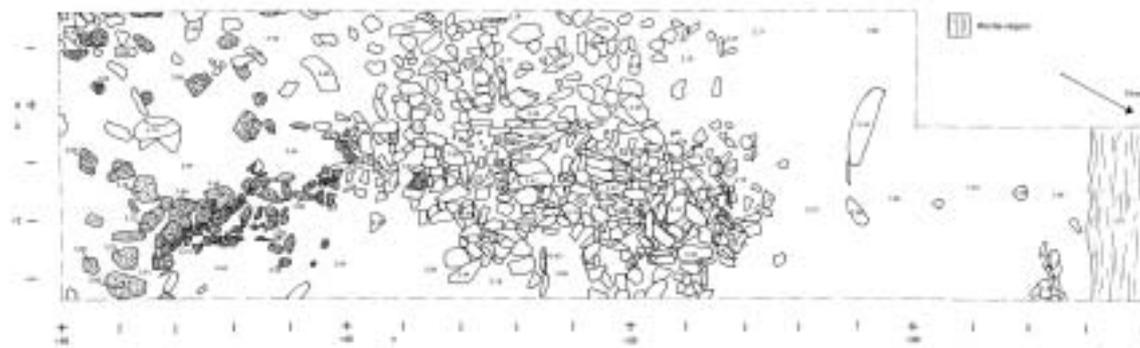


Fig. 6 Planta geral da sondagem após a retirada da camada superficial de terra. Os blocos de pedra vitrificada encontram-se representados a ponteados.



Fig. 7 Perfil do corte entre Y=45 e Y=39, em X=-1,60, no final da escavação. Note-se o seu preenchimento por inúmeras pedras (quase todas vitrificadas) dispostas caoticamente.



Fig. 8 Aspecto do alinhamento de grandes blocos vitrificados no final da escavação.

(xisto) se encontra praticamente à superfície, próximo da faixa dos cavalos de frisa. A partir de Y=33 e até Y=44 entrava-se numa região com muitas pedras e lajes de xisto. No entanto, o aspecto que estas apresentavam ia variar – até Y=40 predominava o xisto inalterado seguindo-se-lhe, quase abruptamente, a partir de Y=40 até Y=44, apenas blocos de rocha vitrificada. As primeiras corresponderiam à muralha e ao seu derrube, embora não tivesse sido possível identificar a face interna e externa da muralha; as segundas, os blocos vitrificadas, pareciam definir uma estrutura circular ou ovalada.

Atendendo a estes resultados, em 1987, para melhor tentar esclarecer as questões atrás colocadas, alargou-se a sondagem mais um metro no topo sudeste e, igualmente, numa faixa de dois metros de lado, a sudoeste, entre Y=45 e Y=30 (Fig. 4), passando a sondagem a ter, por conseguinte, um comprimento total de 19 metros e cinco metros de largura entre aquelas duas coordenadas, mantendo-se os três metros na área restante. Após a retirada da camada superficial, nas novas áreas da sondagem, obteve-se a Planta 1 representada na Fig. 6.

Para investigar a estrutura circular ou ovalada, constituída pelas pedras vitrificadas, escavou-se, até à rocha-virgem, o espaço compreendido entre Y=45,00 e Y=39,00 e entre X=-1,60 e X=3,40, isto é, toda a área do corte no interior da possível muralha. Por outro lado, para tentar

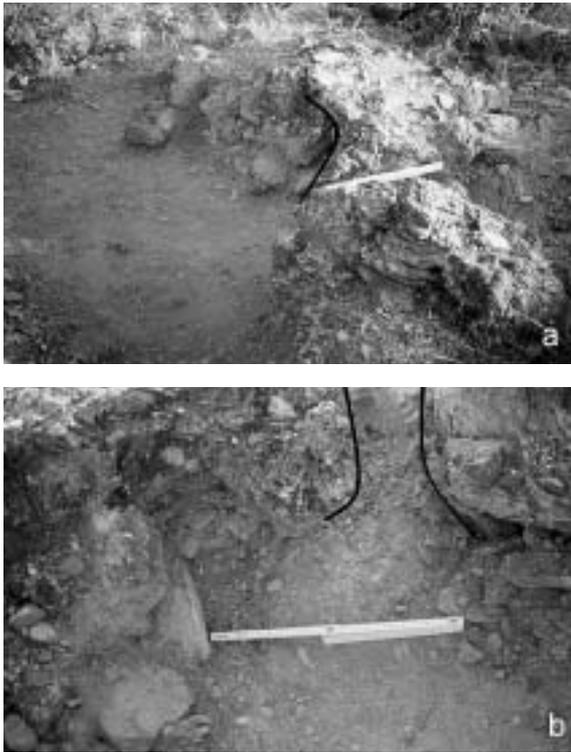


Fig. 9 Aspectos de pormenor da possível estrutura de blocos vitrificados após a lavagem pela chuva: a) curvatura na região em que o material da estrutura pétrea adquiriu, quando fundido, maior viscosidade; b) “canal” entre blocos.

maior viscosidade. Apresenta, além disso, um possível “canal” entre os dois blocos de que é formada (para inserção de um algarviz?). Por outro lado, verificou-se que os blocos vitrificados não assentavam directamente sobre a rocha-virgem, mas sim sobre uma camada de terra solta (com pequenas pedras não vitrificadas), de uma espessura que não excedia os 10 cm. Além disso,

identificar as faces interna e externa da muralha e o seu sistema de construção, aprofundou-se o corte entre $Y=39,00$ e $Y=32,20$ e entre $X=0,70$ e $X=3,40$.

A escavação da primeira zona não viria a confirmar, numa primeira leitura, a existência da tal estrutura de forma circular ou oval. O enchimento de todo o corte, nesta zona, era constituído por terra solta e inúmeras pedras, vitrificadas na maior parte, mas dispostas de modo absolutamente caótico (Fig. 7). No entanto, no “final” da escavação parecia haver um alinhamento de grandes blocos (agregados de pedras) vitrificados que assentavam, aparentemente, sobre a rocha-virgem (Fig. 8). No ano seguinte, numa das visitas efectuadas ao local, as chuvas tinham lavado aquele alinhamento, permitindo, depois de uma limpeza cuidada, um novo desenho do mesmo (Fig. 10) e uma nova interpretação. Parece tratar-se, realmente, de parte de uma fornalha, uma vez que uma das suas “paredes” apresenta alguma curvatura (Figs. 9a e 10), correspondente àquela em que o material, quando fundido, adquiriu uma

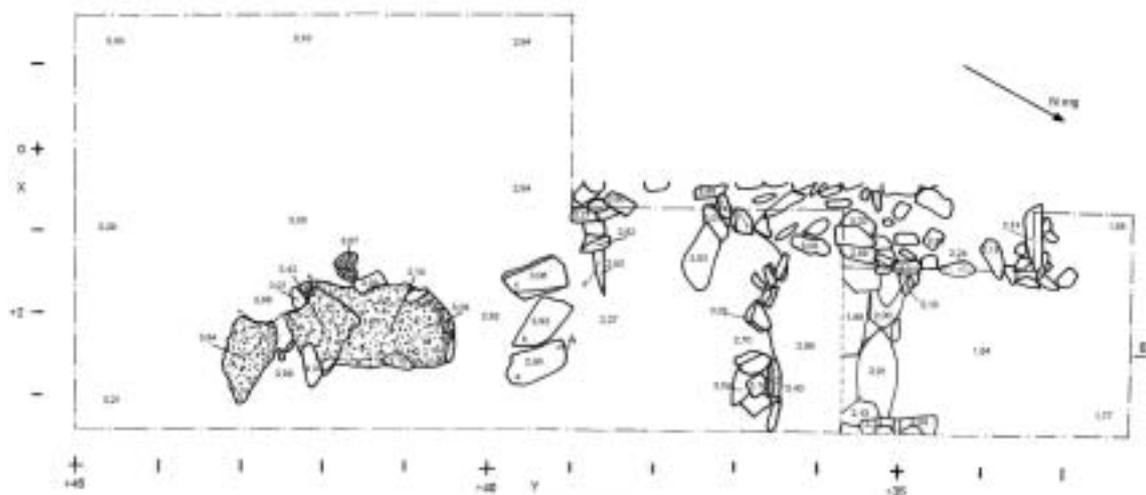


Fig. 10 Planta final da escavação.

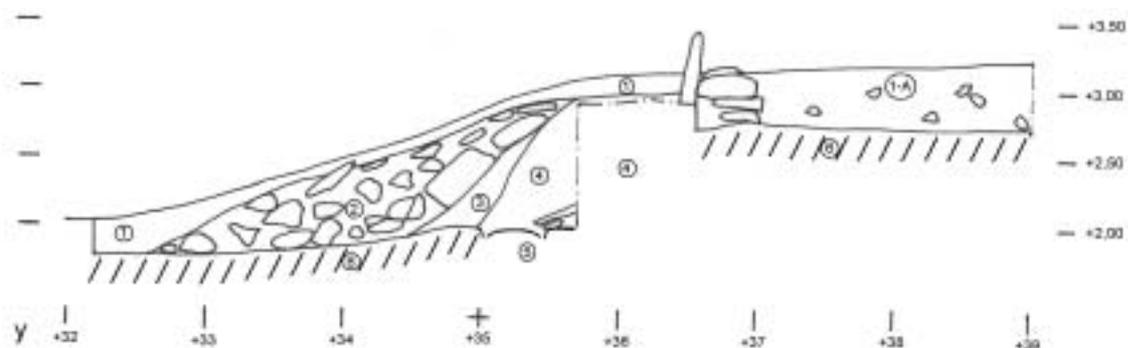


Fig. 13 Perfil BA/Nordeste (ver Fig. 11). 1 e 1-A –camada superficial de terra com algumas pedras, principalmente na área interior à muralha. Restante notação com significado idêntico à da Fig. 12.

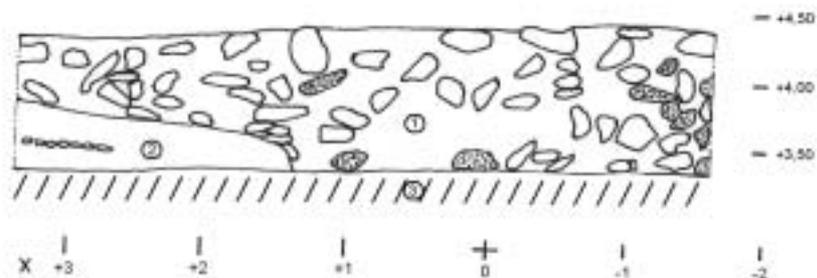


Fig. 11 Perfil em Y=45. No estrato 2 pode observar-se o possível “pavimento” de calhaus rolados.

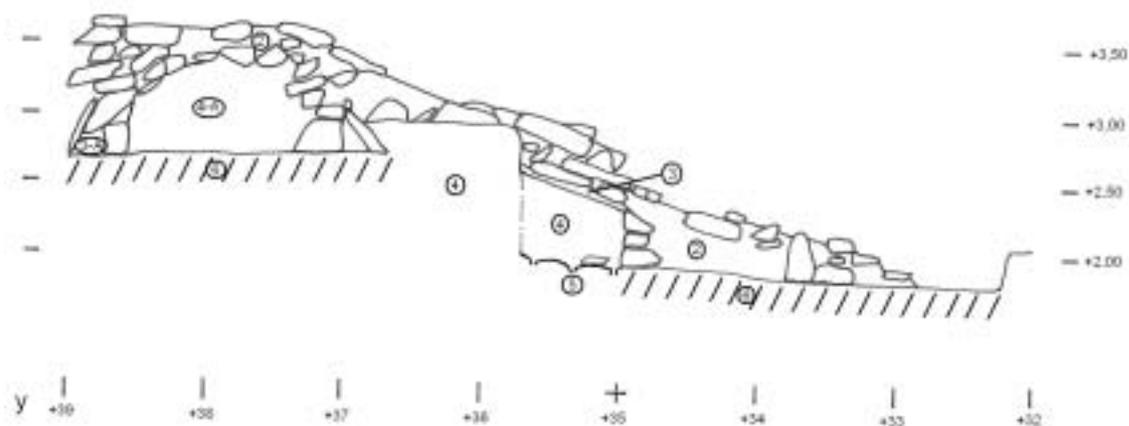


Fig. 12 Perfil AB/Sudoeste (ver Fig. 11). 2 -derrube de pedras da muralha; 3 -derrube de terras da muralha; 3-A -derrube de terras da plataforma; 4 -muralha; 4-A -plataforma; 5 -base em pedra da muralha; 6 -rocha-virgem (xisto).

os blocos vitrificados fariam parte de uma estrutura maior, com lajes ou blocos de xisto na periferia. Parece, portanto, que se estará perante restos de uma estrutura (fornalha?), mas não *in situ*.

Um outro dado interessante, exceção ao caos encontrado e que terá de ser tido em conta em futura intervenção no local, foi o aparecimento, no canto este do corte, do que se julga ser o

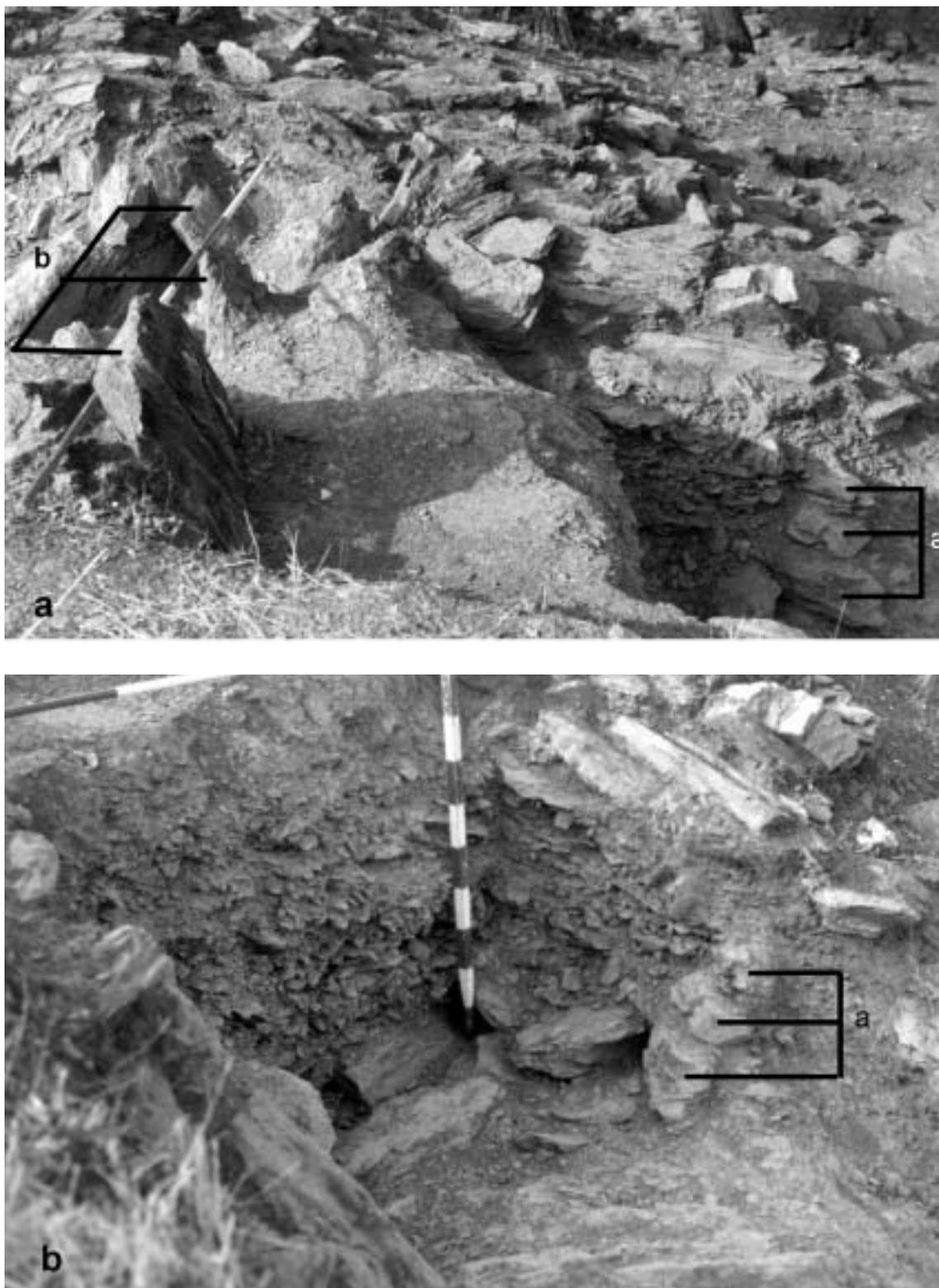


Fig. 14 Pormenores da construção da muralha. Pode observar-se o revestimento exterior (a) e o interior (b) da muralha, bem como em 14 b) as lajes e blocos de xisto na base da muralha.

vestígio de um “pavimento” de calhaus rolados (ver Fig. 11). Este “pavimento” foi identificado quando se procedia à limpeza, para desenho, do perfil do topo sudeste do corte. Encontra-se integrado numa terra escura com poucas pedras, que se designou por estrato 2 mas que, possivelmente, se desdobrará em dois níveis estratigráficos separados pelo “pavimento”. No entanto, não foi possível detectar qualquer diferença de textura ou de cor que distinguisse a camada acima do “pavimento” da que lhe está subjacente. Verificou-se, por outro lado, que da dezena de calhaus rolados constituintes do “pavimento”, apenas um é de xisto esverdeado, enquanto os restantes são de quartzo leitoso, os quais são abundantes nas cascalheiras do Chança.

Quanto à escavação na zona da muralha, os resultados obtidos podem sintetizar-se no seguinte (ver Figs. 10, 12, 13 e 14):

a) A muralha, com uma espessura de cerca de 1,5 m e uma altura conservada de cerca de 1 m, é feita de terra calcada com muitos fragmentos pequenos de xisto, apresentando na sua base, escavada na rocha-virgem, uma única camada de blocos e lajes de xisto. A face interior é revestida de grandes lajes e blocos de xisto alongados colocados de cutelo; a face externa seria, provavelmente, revestida por blocos de xisto sobrepostos (Figs. 12 e 14).

b) Adossada à face interna existiria uma plataforma (?), construída também com terra e pequenas pedras calcadas, tal como a muralha, mas assentando directamente sobre a rocha-virgem. A face interna desta plataforma teria, possivelmente, na sua base, uma fiada de lajes de xisto de que a, b, c e d (ver Fig. 10) fariam parte, estando d *in situ*. A espessura da plataforma é de cerca de 2 m.

c) Dada a grande quantidade de pedras de xisto que se sobrepõem ao que resta da muralha e da possível plataforma e às existentes na área de derrube, é provável que a estrutura da muralha fosse constituída por pedras na parte superior.

d) A muralha foi construída quando o local já era habitado e nele se realizavam operações metalúrgicas (?) — no seio da terra da muralha, principalmente junto à sua base, podem identificar-se alguns pequenos fragmentos de rocha vitrificada.

2.3. Espólio

O espólio (Figs. 15 e 16), muito pouco abundante, tendo em conta a dimensão da sondagem, provém na sua totalidade da zona onde se encontrava a possível fornalha, isto é, da área interior à muralha. É constituído por *i*) alguns fragmentos de argila que sofreu a acção do fogo, apresentando alguns deles uma face plana e, por vezes, alguns “pingos de escória” aderentes e/ou impressões de ramos (assemelhando-se, neste caso, à denominada cerâmica de revestimento dos povoados calcolíticos), *ii*) duas possíveis tampas de xisto (uma delas representada na Fig.16, n.º 20), *iii*) meia dúzia de esquirolas de ossos que sofreram a acção do fogo e *iv*) cerâmica. Esta é constituída por menos de duas dezenas de bordos e cerca de meia centena de fragmentos de paredes de vasos. Na sua maioria apresentam pastas castanhas ou castanho-avermelhadas, com superfícies bem alisadas e, em vários casos, brunidas. Não foi, no entanto, recolhido qualquer fragmento com decoração de ornatos brunidos. Por outro lado, das formas reconstituíveis, pelo menos parcialmente, a maioria corresponde a vasos carenados, com carenas altas e bordos ligeiramente convergentes.

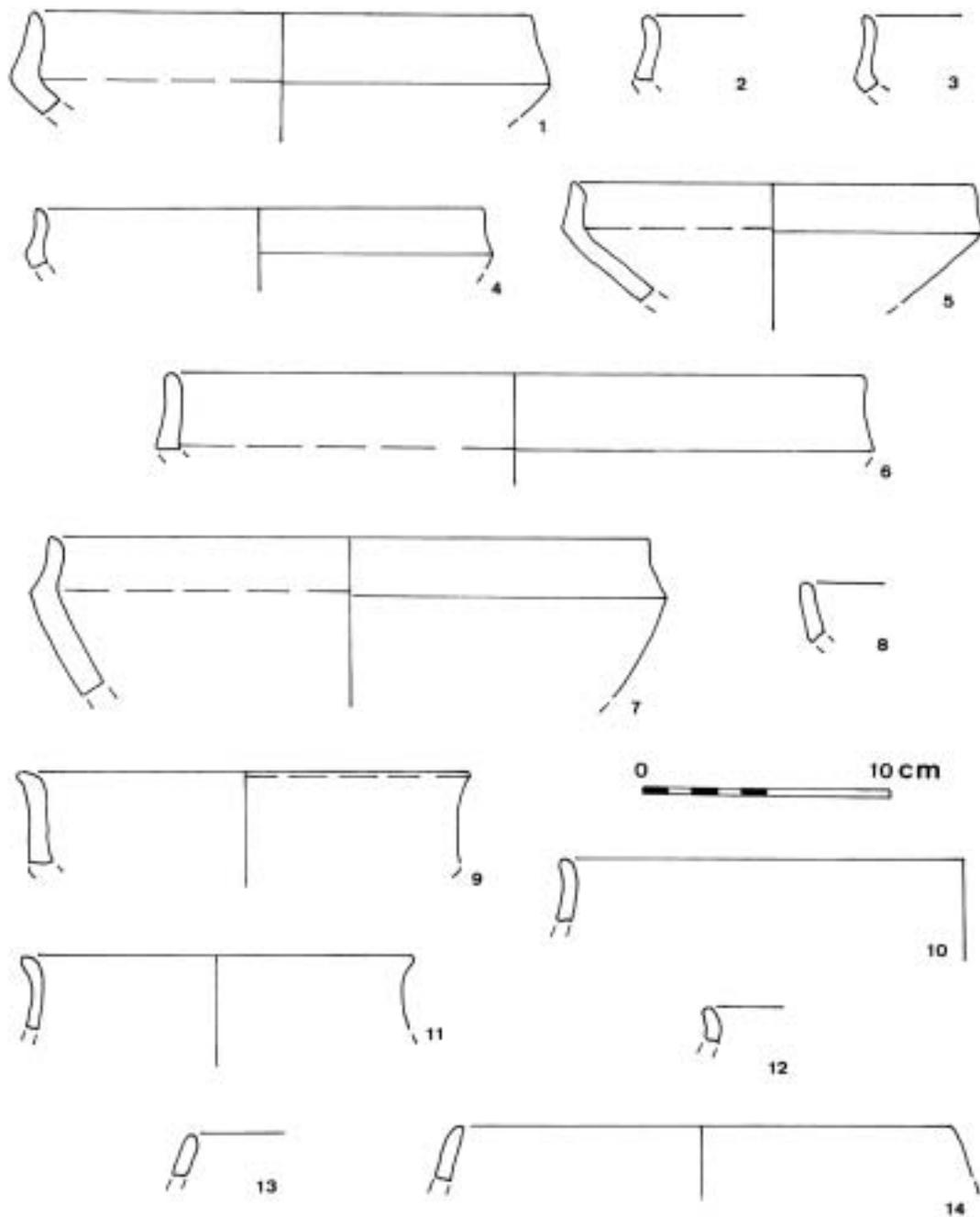


Fig. 15 Bordos de cerâmica provenientes da sondagem.

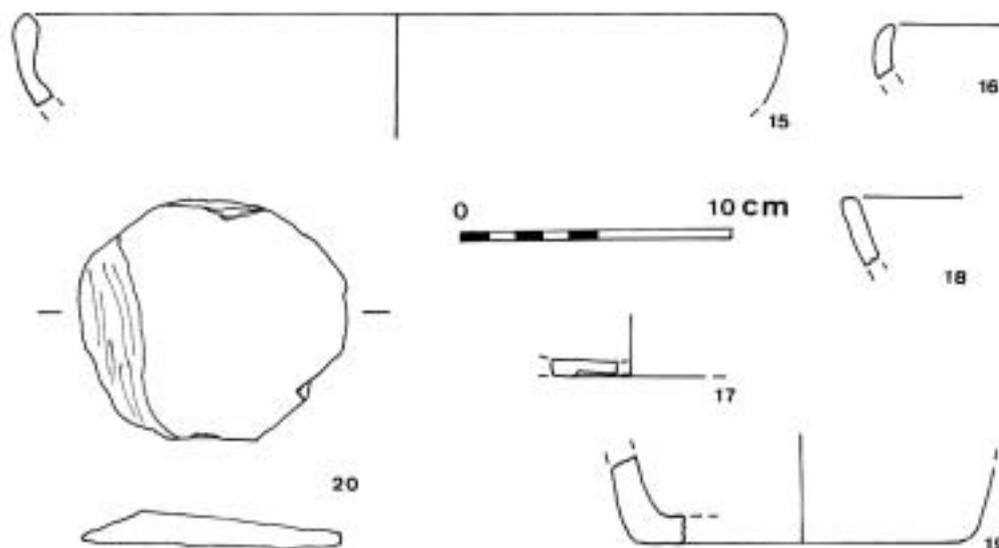


Fig. 16 Outro espólio proveniente da sondagem – cerâmica e tampa (?) em pedra (n.º 20).

3. Integração cultural e cronologia

Os artefactos arqueológicos recolhidos em prospecção superficial, que se reduzem praticamente a fragmentos de cerâmica (Figs. 17 e 18), foram já objecto de publicação (Parreira e Soares, 1980), permitindo atribuir ao povoado do Passo Alto uma cronologia dentro do Bronze Final do Sudoeste. A cerâmica encontrada nas intervenções de campo de 1984 e 1987 (Figs. 15 e 16) não difere, designadamente no que se refere aos tipos de pastas e formas, da recolhida em prospecção superficial. Note-se, no entanto, a ausência, no conjunto encontrado em escavação, de pegas mamilares e da cerâmica decorada com ornatos brunidos, principal “fóssil director” para uma atribuição cronológica ao Bronze Final. Contudo, sendo o conjunto, proveniente da sondagem arqueológica, de dimensão tão reduzida e dado que a decoração brunida também é relativamente rara na cerâmica dos povoados fortificados do Bronze Final (por exemplo, no Passo Alto, de algumas centenas de fragmentos de cerâmica recolhidos ou observados, apenas foram identificados os cinco fragmentos com decoração de ornatos brunidos representados na Fig. 17), não deverá ter qualquer significado a sua ausência deste conjunto. A atribuir-se algum significado a este facto, e tendo em atenção as formas carenadas recolhidas, seria o de considerar a ocupação junto à muralha de um momento anterior ao caracterizado pelas cerâmicas de ornatos brunidos, o que não parece crível. Pelo contrário, o conjunto material recolhido no Passo Alto, quer em prospecção quer em escavação, é bastante homogéneo e aponta, por conseguinte, para cronologias dentro da última fase do Bronze Final, admitindo que, tal como na península de Lisboa (Cardoso, 1996), esta última fase se caracteriza precisamente pela ocorrência de cerâmica decorada com ornatos brunidos na superfície externa, ao contrário da fase anterior em que esse tipo de decoração se encontra ausente.

As balizas cronológicas precisas para esta última fase do Bronze Final ou, por outras palavras, para a cerâmica de ornatos brunidos no exterior dos vasos continua ainda matéria controversa, devido à quase inexistência de escavações arqueológicas e de datações absolutas (^{14}C), quer para esta fase, quer para a que a precedeu, quer ainda para a que lhe sucedeu. E. da Cunha Ser-

rão, o primeiro arqueólogo que chamou a atenção para a cerâmica de ornatos brunidos com base nos fragmentos recolhidos na Lapa do Fumo (Serrão, 1959, 1970), situou-a, a princípio, em meados do I milénio a.C. para, posteriormente, tendo em atenção os dados da investigação que decorria no Sudoeste espanhol sobre uma cerâmica muito semelhante, a de “retícula brunida”, recuar a sua cronologia para um período entre os séculos VIII e V a.C. Schubart (1971) atribuiu-lhe uma cronologia entre o século X e o século VII a.C. Arnaud (1979) atribuiu ao povoado da Corôa do

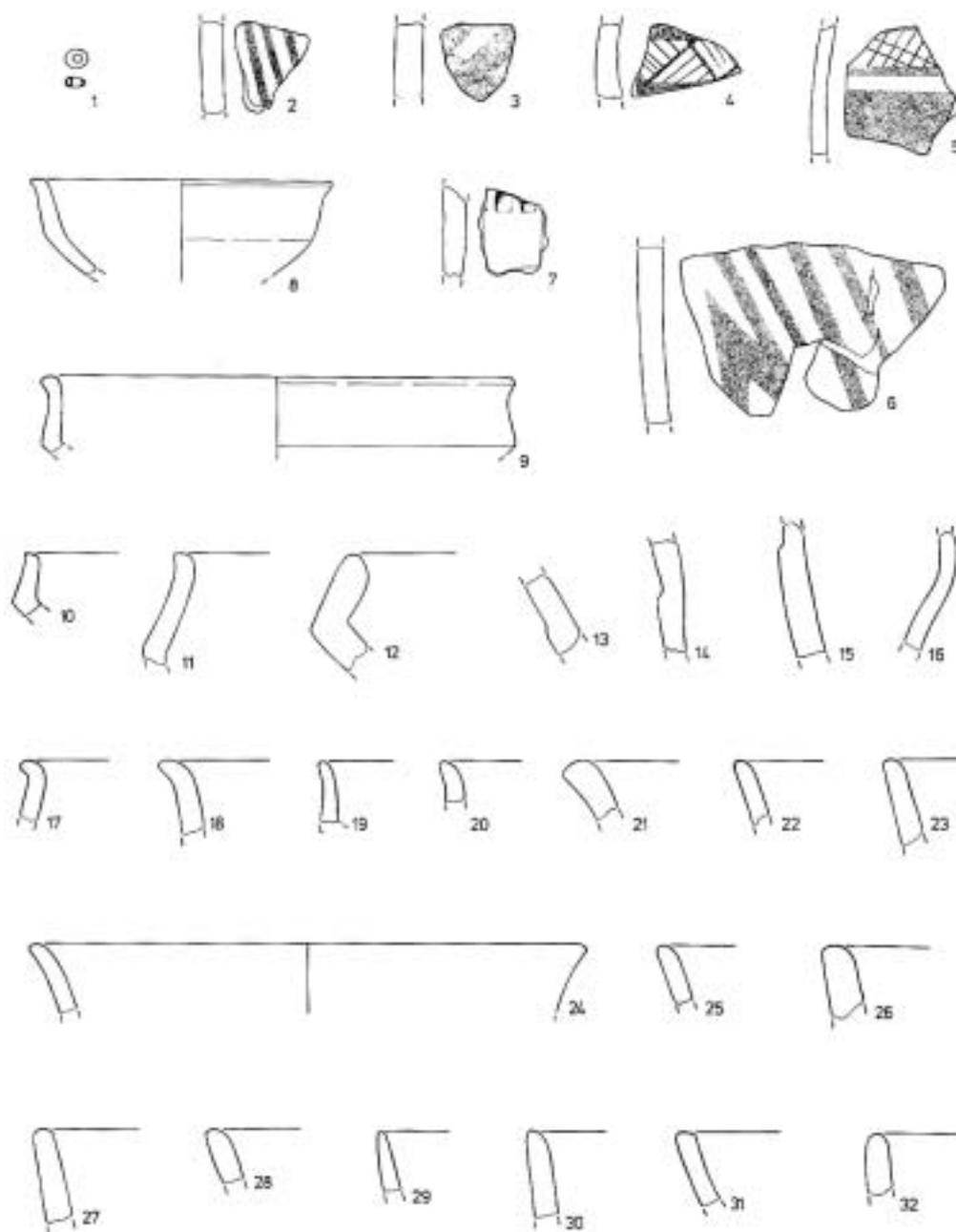


Fig. 17 Artefactos recolhidos em prospeção superficial, reproduzidos de Parreira e Soares, 1980, Fig. 8. (escala aprox. 1:3)
 1 –conta de vidro azul; 2 a 6 –cerâmica com ornatos brunidos na superfície exterior; 7 –cerâmica com decoração impressa;
 8 a 32 –cerâmica não decorada.

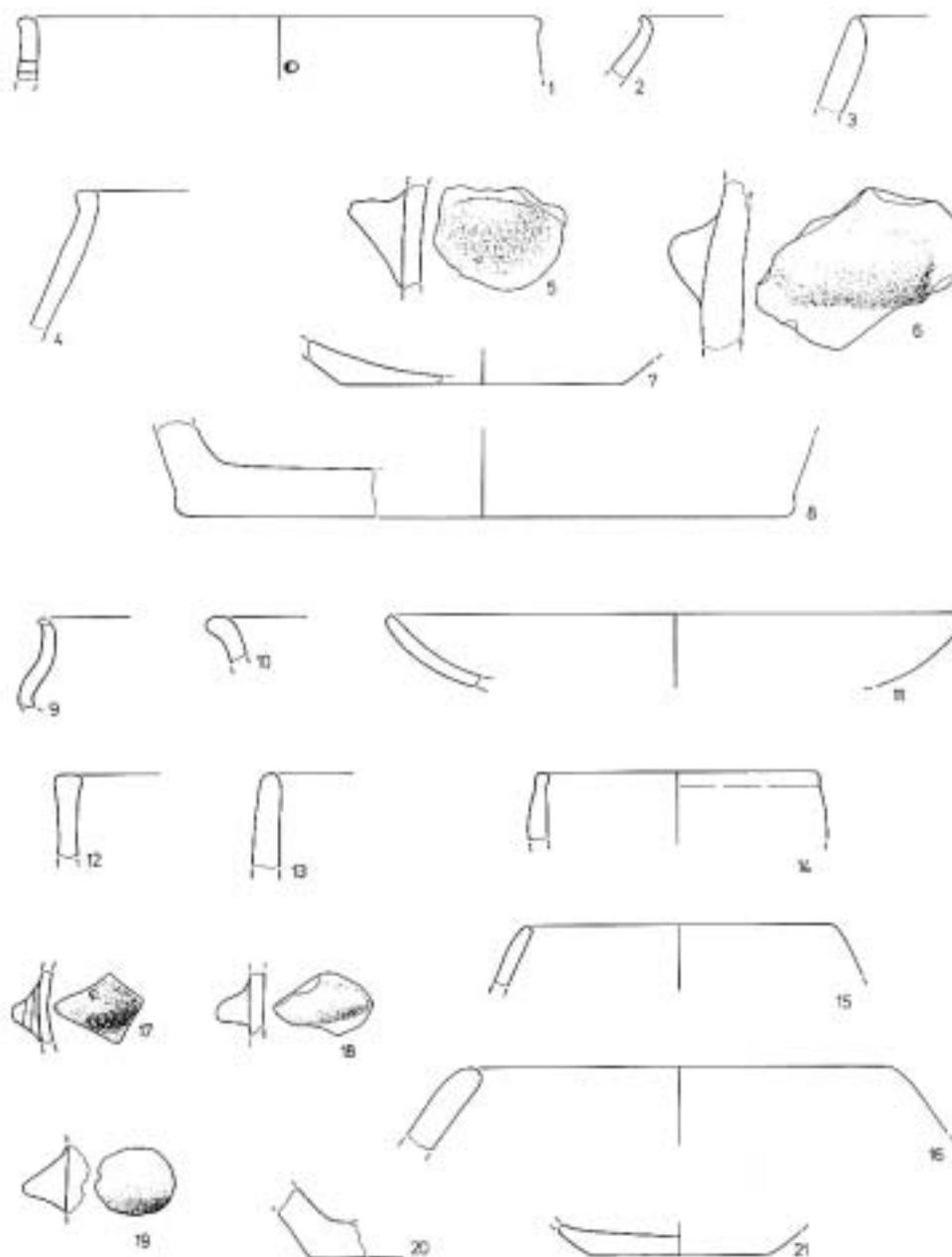


Fig. 18 Cerâmica recolhida em prospeção superficial, reproduzida de Parreira e Soares, 1980, Fig. 9 (escala aprox. 1:3).

Frade, um do povoados fortificados do Sudoeste com níveis do Bronze Final (povoados esses que “têm entre si um elemento comum: a cerâmica brunida com decoração geométrica”), primeiramente uma cronologia absoluta de 900 a 600 a.C. para, mais tarde, a recuar para o intervalo 1000 a 700 a.C. (Arnaud, 1995). Cardoso (1995, 1996), embora não estabeleça uma baliza precisa para o aparecimento desta cerâmica (seria posterior à ocupação do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, datável do século XIII a.C.), considera que, “actualmente, é incontroversa a atribuição crono-cultural de tais cerâmicas a fase tardia do Bronze Final, cujo uso se prolongou até à chegada das primeiras cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a

partir do século VIII a.C.” (Cardoso, 1996, p. 8). Contudo, o povoado do Alto do Castelinho da Serra (Gibson et al., 1998), com uma primeira ocupação do Bronze Final e onde foram encontradas cerâmicas com ornatos brunidos, quer na superfície externa, quer na interna, terá tido o seu início em meados do século IX a.C., prolongando-se essa ocupação até aos séculos VIII/VII a.C., quando coexistiram cerâmicas de ornatos brunidos e importações orientais. Por outro lado, no monumento da Roça do Casal do Meio, conjuntamente com um vaso com ornatos brunidos foi recolhida uma fíbula que Spindler e Ferreira (1973) atribuem ao séculos X ou IX a.C., mas cujos paralelos sicilianos são datáveis no intervalo 1100 a 900 a.C. Por fim, haverá que referir que o conteúdo de matéria orgânica de uma urna da necrópole do Bronze Final do Tanchoal dos Patudos foi datado pelo radiocarbono, obtendo-se as datas GrA-9270 2830±50 BP (ossos humanos) e GrA-9572 2790±50 BP (carvão vegetal), as quais calibradas apontam para uma data de calendário dentro dos finais do século XI ou no século X a.C. (Vilaça et al., 1999). Embora a urna, donde foram retiradas as amostras datadas, não se apresente decorada, da mesma necrópole provém outro vaso de forma muito semelhante à desta, mas com uma retícula oblíqua brunida no exterior do bordo. De outra necrópole da Quinta dos Patudos de Alpiarça, a do Meijão, provém várias urnas com decoração brunida no exterior (Kalb e Höck, 1985). Perante estes dados, será de atribuir à cerâmica com ornatos brunidos na superfície exterior uma cronologia no intervalo dos séculos XI/X a VIII/VII a.C. Uma maior precisão para estes limites cronológicos terá de aguardar por novas escavações arqueológicas e datações absolutas.

As intervenções de 1984 e 1987 no Passo Alto permitiram identificar um sistema de defesa construído que, como atrás foi afirmado, é até agora único no sul do país – por um lado, uma muralha, na área de mais fácil acesso ao povoado, com uma altura conservada de cerca de um metro, constituída por terra calcada misturada com pequenas pedras (a que se sobreporia um aparelho de pedra seca), revestida na face exterior por uma fiada de pedras sobrepostas e, na face interior, por grandes lajes e blocos de xisto colocados lado a lado, de cutelo, a que se adossava uma possível plataforma construída do mesmo modo do troço conservado da muralha; por outro, no exterior da muralha e na sua vizinhança imediata, uma faixa de cerca de 30 x 30 metros de cavalos de frisa, a barrar o corredor de mais fácil acesso ao Passo Alto, porventura a uma entrada no povoado que se situaria nessa zona. O tipo de construção da muralha não tem paralelos conhecidos, o que não é de admirar dada a quase inexistência de escavações arqueológicas em povoados amuralhados desta época. No entanto, a existência de muralhas é conhecida em alguns povoados do Bronze Final do Sudoeste. Na margem esquerda portuguesa do Guadiana, área onde tenho desenvolvido alguns projectos de investigação no campo da arqueologia, são conhecidos vários povoados desta altura (Fig. 19). De entre eles, com localizações semelhantes à do Passo Alto, isto é, junto a importantes linhas de água, aproveitando as suas margens abruptas como elementos de defesa e complementando-os com muralhas, encontram-se o povoado da Crespa e o do Laço que, ainda hoje, ostentam imponentes muralhas, facilmente reconhecíveis, mesmo sem necessidade de qualquer escavação arqueológica (Lopes et al., 1997, p. 26, 27, 93). Quanto aos da Misericórdia, da Quinta do Pantufo e dos Ratinhos também é muito possível que apresentem muralhas – as plataformas e os socalcos abruptos, que neles se podem observar, constituem indícios muito prováveis dessa presença. Por outro lado, os povoados de altura, como o da Serra Alta e o do Álamo (donde deverá provir o célebre tesouro do Álamo, encontrado a poucas centenas de metros do povoado) terão, porventura, apenas defesas naturais, talvez reforçadas por algum murete entre blocos rochosos em locais de mais fácil acesso, enquanto que os habitats de planície, como Casa Branca 1 e Santa Margarida não possuem, aparentemente, qualquer tipo de sistema defensivo.

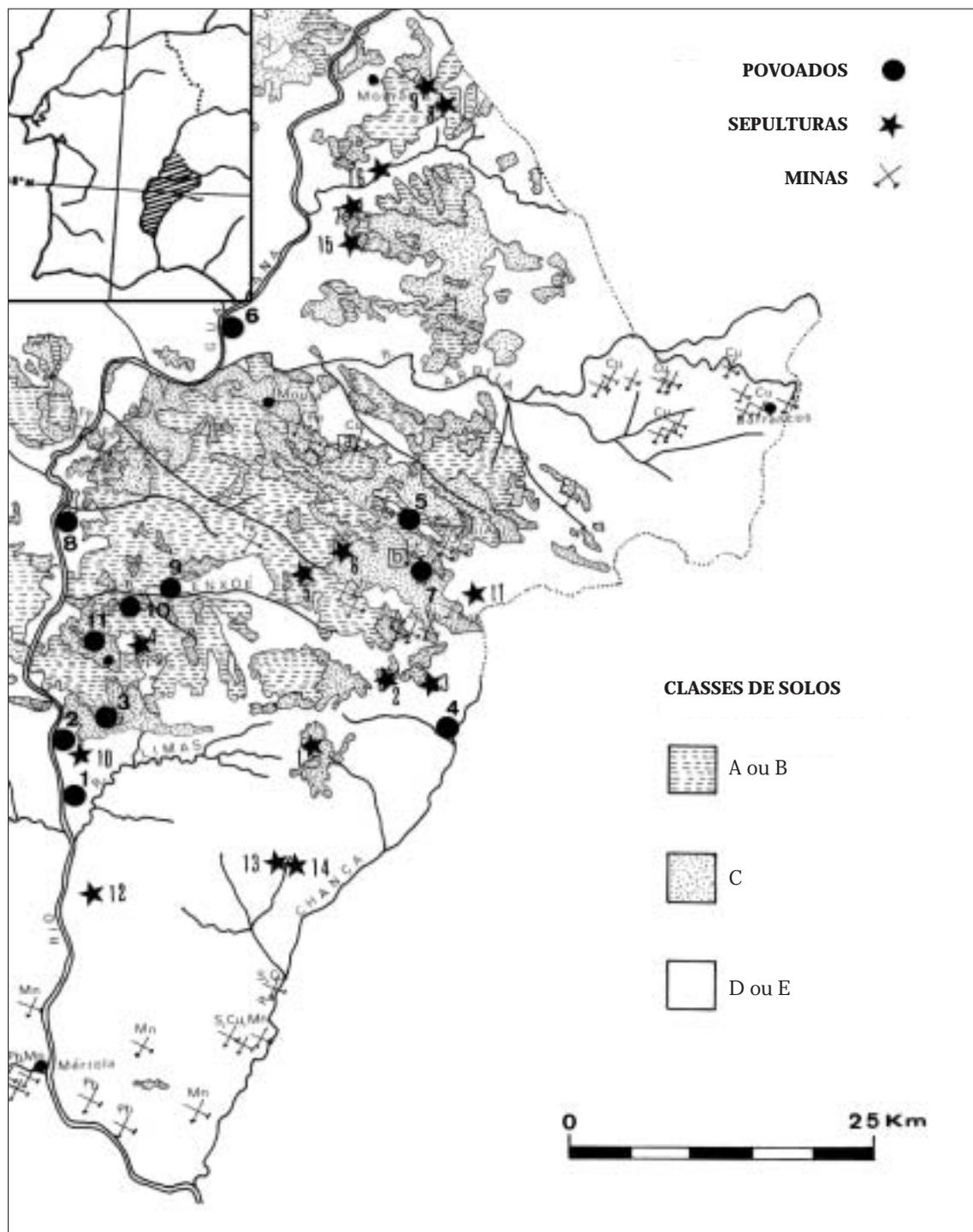


Fig. 19 Localização dos monumentos funerários do Bronze do Sudoeste e dos povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda (portuguesa) do Guadiana. O mapa foi elaborado com base na Carta de Capacidade de Uso do Solo, Esc. 1/250000 e na carta de recursos mineiros publicada em Soares *et al.*, 1994, Fig. 2 e tendo também em atenção os levantamentos arqueológicos constantes em Lopes *et al.*, 1997 e Silva, 1998, 2000. **Monumentos funerários:** 1 –Carapetal; 2 –Barranco Salto; 3 –Talho do Chaparrinho; 4 –Santa Justa; 5 –Montinho; 6 –Belmeque; 7 – Altas Moras; 8 –Queijeirinha; 9 –Folha das Palmeiras; 10 –Bugalhos; 11 –Carapinhais; 12 –Sobralinho; 13 –João de Matos de Cima 1; 14 –João de Matos de Cima 2; 15 –Monte Novo; 16 –Monte da Ribeira 2. **Povoados:** 1 –Crespa; 2 –Misericórdia; 3 –S. Brás 1; 4 –Passo Alto; 5 –Serra Alta; 6 –Ratinhos; 7 –Álamo; 8 –Laço; 9 – Casa Branca 1; 10 –Quinta do Pantufo; 11 –Santa Margarida.

Neste polimorfismo de habitats e de sistemas defensivos (na sucessão, aliás, do polimorfismo que apresentam as necrópoles do Bronze Inicial e Pleno do Sudoeste), destaca-se a utilização de cavalos de frisa no Passo Alto. Este tipo de sistema complementar de defesa é conhecido dos povoados das zonas montanhosas que bordejam a Meseta ibérica, sendo aí datável da Idade do Ferro, do século VI a.C. ou de momentos posteriores, podendo atingir o período republicano. Segundo Harbison (1968) a finalidade destas pedras fincadas “was not only to impede enemy cavalry, but also to render the attacking foot-soldier more vulnerable by forcing him to chamber over these stones before he could reach the walls”. Na realidade, em vários casos assim poderá ser, embora em muitos outros seja difícil admitir o seu uso contra a cavalaria. É o que acontece, por exemplo, quando os cavalos de frisa se implantam entre os fossos, como é o caso do Castro de Carvalhelhos (Santos Júnior, 1957), uma vez que a cavalaria já estava impedida de atingir as posições onde eles se encontram devido, precisamente, à existência desses fossos profundos. De igual modo, é difícil de imaginar que manobras de cavalaria os cavalos de frisa do Passo Alto impediriam, dada a sua posição junto à muralha, no estreito corredor quase plano que lhe dava acesso.

No Sudoeste peninsular são conhecidos mais quatro povoados que apresentam este sistema de defesa — o Castillo de las Peñas, na serra de Aroche, Huelva (Toscano, 1997; Pérez Macías et al., 1997; Berrocal-Rangel, 2003), o Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel, 1992, 2003), o Castro de Batalla del Pedruégano (Berrocal-Rangel, 1999, 2003) e o povoado de Reina (Berrocal-Rangel, 2003). Enquanto estes três últimos, situados na província de Badajoz, têm uma primeira ocupação que é pré-romana, mas correspondente à II Idade do Ferro, e à qual podem ser atribuídos os cavalos de frisa aí existentes, já o Castillo de las Peñas sofreu várias ocupações, desde a Pré-história até à Idade Média, entre elas uma do Bronze Final. Os povoados desta época na serra de Aroche apresentam uma cultura material com grande similitude à da dos povoados alentejanos da mesma altura (Pérez Macías, 1996) e seria muito interessante um eventual paralelismo cronológico entre os cavalos de frisa do Passo Alto e os do Castillo de las Peñas. Contudo, este último é um povoado de altura, aparentemente sem muralhas, e possivelmente o único da serra de Aroche onde existe uma ocupação sem solução de continuidade entre o Bronze Final e a Época Romana, talvez devido à fertilidade das suas imediações, propiciada pela água abundante aí existente (Toscano, 1997, p. 149). A cronologia do campo de cavalos de frisa do Castillo de las Peñas continua, assim, uma questão em aberto e possivelmente nunca será possível datá-lo de um modo fiável.

Além destes povoados do Sudoeste e dos cerca de quarenta conhecidos na área envolvente da Meseta com cavalos de frisa de cronologias dentro da Idade do Ferro ou até mais recentes, existe na Península Ibérica um outro povoado fortificado, o de Els Vilars de Arbeca, na Catalunha, também com cavalos de frisa, o que constitui uma característica única para o Nordeste peninsular. A construção do seu sistema defensivo — muralha com torres, fosso e barreira de cavalos de frisa — foi datada pelo radiocarbono entre 800/775 – 700/675 cal BC, encontrando-se o fosso e os cavalos de frisa já colmatados por terra no século VI/V a.C. (Alonso et al., 2000), isto é, quando começam a surgir nas outras áreas da Península Ibérica a maior parte dos sistemas defensivos que utilizam as pedras fincadas.

Num esquema difusionista em voga nos anos sessenta (Harbison, 1968) os campos de cavalos de frisa mais antigos, e que utilizariam a madeira em vez da pedra, seriam os centro-europeus, donde se difundiriam para sul e oeste, passando a utilizar a pedra em vez da madeira. Na Península Ibérica seriam tanto mais recentes quanto mais a ocidente se situassem os castros. No entanto, este esquema difusionista falha em vários pontos (Estallo e Sánchez, 1989). Em França, são raríssimas as barreiras de cavalos de frisa. O único povoado conhecido que utiliza este sistema defen-

sivo em pedra, o povoado de Pech Maho, tem uma primeira ocupação a qual é muito mais recente que a correspondente à da erecção de muitas das barreiras de cavalos de frisa existentes nos povoados da Meseta. Por outro lado, os cavalos de frisa aparecem também na Irlanda, no País de Gales e na Escócia, sendo-lhes atribuída geralmente uma datação dentro da Idade do Ferro. No entanto, escavações recentes nas ilhas Aran (Irlanda), no povoado fortificado de Dún Aonghasa, permitiram atribuir ao campo de cavalos de frisa aí existente uma datação dentro do Bronze Final ou, quando muito, na transição do Bronze Final para a Idade do Ferro (Cotter, 1995).

Por outro lado, e regressando ao Sudoeste Peninsular, segundo Pérez Macías (1996), uma análise do povoamento no primeiro quartel do primeiro milénio a.C. permite verificar que, a partir do século VIII, se observa no Alentejo, na serra de Huelva e na província de Badajoz uma descida brusca do número de povoados. Ainda que alguns deles continuem no período orientalizante, a maior parte destes são também abandonados, podendo o momento de abandono atingir, nestes casos e quando muito, o século VII a.C. Tirando algumas (poucas) excepções, como Medelín, o Alto do Castelinho da Serra ou o Castillo de las Peñas, não se encontra qualquer evidência firme de povoamento após aquela data até ao aparecimento, em meados do século V a.C., de outras populações, os célticos do Sudoeste, sem precedentes na Idade do Bronze desta área. Também nos onze povoados do Bronze Final da margem esquerda do Guadiana indicados na Fig. 19 se verifica o seu abandono anteriormente ao aparecimento de quaisquer manifestações atribuíveis à Idade do Ferro. Mesmo o povoado da Misericórdia (Soares, 1996), onde além de uma ocupação atribuível ao Bronze Final, é reconhecível uma outra imputável à II Idade do Ferro, deverá existir um hiato entre elas. No povoado do Passo Alto não foi encontrado até hoje, quer em prospecção de superfície quer em escavação, qualquer artefacto atribuível ao período orientalizante e, muito menos, à II Idade do Ferro. A admitir-se uma data posterior ao século VIII a.C. para a construção do campo de cavalos de frisa do Passo Alto seria muito estranho que os seus autores não tivessem deixado quaisquer vestígios a não ser os próprios cavalos de frisa...

O possível significado das pedras vitrificadas que se observam no povoado do Passo Alto foi já objecto de discussão quando da publicação preliminar dos resultados obtidos em 1984 (Soares, 1988, p. 97). A intervenção de 1987 e novos dados entretanto conhecidos para o povoado da Misericórdia e para outros povoados do Alentejo contribuíram com algumas achegas para uma maior aproximação ao problema. Anteriormente às escavações no Passo Alto, duas explicações surgiam para a ocorrência das pedras vitrificadas neste povoado, designadamente *i*) a de que resultariam da ruína e derrube da muralha, que teria de ser constituída também por material lenhoso, o qual ao sofrer uma combustão originaria a vitrificação dos xistos ou *ii*) a de que seriam originadas por actividades pirotécnicas, muito possivelmente metalúrgicas, levadas a efeito no local. No primeiro caso estaríamos perante restos de uma muralha vitrificada, tal como ocorre, por vezes, nas Ilhas Britânicas em povoados da Idade do Ferro (os “vitrified forts”) ou, mais perto de nós, nos Castelos de Monte Novo (Évora), um grande povoado também da Idade do Ferro que apresenta alguns troços de muralha vitrificada (Gibson et al., 1998, p. 211). No Passo Alto não é esse o caso. A relação das pedras vitrificadas, existentes numa zona bem delimitada, com a muralha é apenas a de proximidade, não apresentando os blocos de xisto atribuíveis ao derrube da muralha qualquer vestígio da acção do fogo, além de que, na base da muralha de terra, se podem observar pequenos fragmentos soltos de rocha vitrificada. Este facto interpreta-se como indicando que as actividades que deram origem à vitrificação das pedras seriam anteriores à construção do sistema defensivo. Note-se, no entanto, que não se dispõe de quaisquer dados que permitam ter uma ideia da dimensão dessa anterioridade. Por outro lado, materiais vitrificados de aspecto em tudo semelhante ao observado no Passo Alto — porosos,

muito leves, de cores muito variáveis mas geralmente escuras, muitas vezes com a textura original dos xistos reconhecível — foram encontrados no povoado da Misericórdia em estreita relação com diversas fornalhas aí existentes (Soares, 1996). Também na zona de Odemira, freguesia de São Martinho das Amoreiras, no Cerro das Alminhas, um povoado do Bronze Final, foram encontrados, numa área limitada, em estreita ligação com uma estrutura de funcionalidade ainda desconhecida, mas possivelmente metalúrgica, materiais vitrificados em tudo semelhantes aos do Passo Alto e da Misericórdia (Jorge Vilhena, com. pessoal). A explicação mais plausível para estas estruturas é a de que estejam relacionadas com actividades metalúrgicas, embora a ausência de verdadeiras escórias seja estranha e difícil de interpretar.

Tendo em atenção tudo o que atrás foi referido, poder-se-á afirmar que toda a cultura material revelada pelas intervenções no povoado do Passo Alto, incluindo não só os artefactos mas também o sistema defensivo e as actividades metalúrgicas (?) que aí se desenvolveram, é compatível com uma cronologia do Bronze Final do Sudoeste, nele se integrando plenamente. Se o início do povoado se coloca no século X ou no IX é uma questão em aberto, já a data do seu abandono não deverá ultrapassar os inícios do século VIII a.C., dada a ausência de quaisquer materiais orientalizantes. Deverá, por conseguinte, ter sido um povoado com uma ocupação curta, o que parece ser comprovado pela escassez de artefactos recolhidos em prospecção superficial e, principalmente, em escavação, e pela sua homogeneidade. O campo de cavalos de frisa do Passo Alto, paralelizável cronologicamente com o de Els Vilars, integra-se consequentemente nas primeiras manifestações conhecidas deste tipo de sistema defensivo.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, N.; JUNYENT, E.; LAFUENTE, A.; LÓPEZ, J. B.; TARTERA, E. (2000) - "La Fortaleza de Arbeca. El Proyecto Vilars 2000". Investigación, Recuperación y Socialización del Conocimiento y del Patrimonio. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 57:2, p. 161-173.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora – Escavação de 1971/1972. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 20, p. 56-100.
- ARNAUD, J. M. (1995) - Corôa do Frade: Uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 43.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Complutense (*Extra Complutum*, 2).
- BERROCAL-RANGEL, L. (1999) - Etnogénesis entre los célticos del Suroeste: una interpretación de la Edad del Hierro en Extremadura y el sur de Portugal. In BALBÍN BEHRMANN, R. de; BUENO RAMÍREZ, P., eds. - *II Congreso de Arqueología Peninsular*. Universidad de Alcalá de Henares; Fundación Rei Afonso Henriques. Tomo II, p. 347-356.
- BERROCAL-RANGEL, L. (2003) - La expansión meridional de los chevaux-de-frise: los castros célticos del Suroeste. In ALONSO, N.; JUNYENT, E.; LAFUENTE, A., eds. - *Chevaux-de-frise i fortificació en la Primera Etat del Ferro Europea*. Lleida: Universitat, p. 209-232.
- CARDOSO, J. L. (1995) - As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 88.
- CARDOSO, J. L. (1996) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra: Câmara Municipal. 5, p. 6-14.
- COTTER, C. (1995) - Western Stone Fort Project. Interim report. *Discovery Programme Reports*. 2, p. 1-11.
- ESTALLO, I. G.; SÁNCHEZ, E. J. (1989) - Fortificación y defensa en la I Edad del Hierro. Piedras hincadas en Els Vilars. *Revista de Arqueología*. Madrid. 93, p. 38-49.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H.; BURGESS, C. B. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A Preliminary Report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva: Universidad.
- HARBISON, P. (1968) - Castros with Chevaux-de-frise in Spain and Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 9, p. 116-147.

- KALB, Ph.; HÖCK, M. (1985) - *Cerâmica de Alpiarça. Exposição temporária na Galeria dos Patudos. Catálogo*. Alpiarça: Câmara Municipal de Alpiarça/Casa Museu dos Patudos; Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa.
- LOPES, M. C.; CARVALHO, P. C.; GOMES, S. M. (1997) - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- PARREIRA, R.; SOARES, A. M. M. (1980) - Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 109-130.
- PÉREZ MACÍAS, J. A. (1996) - La transición a la Edad del Hierro en el Suroeste peninsular. El problema de los Celtici. *Spal*. Sevilla. 5, p. 101-114.
- PÉREZ MACÍAS, J. A.; VIDAL TERUEL, N. de la O.; CAMPOS CARRASCO, J. M. (1997) - *Arucci y Turobriga*. El proceso de romanización de los llanos de Aroche. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid. 24, p. 189-208.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1957) - O Castro de Carvalhelhos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 16: 1-2, p. 25-62.
- SCHUBART, H. (1971) - Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 28, p. 1-32.
- SERRÃO, E. da C. (1959) - Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. In *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da C. (1970) - As cerâmicas de “retícula brunida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, I, p. 273-308.
- SILVA, A. C. (1998) - Salvamento arqueológico no Guadiana. *Memórias d’Odiana*. Beja: EDIA. 1.
- SILVA, A. C. (2000) - Inventário arqueológico. Actualização. In *Memórias d’Odiana*. Beja: EDIA. 2, p. 303-356.
- SPINDLER, K.; FERREIRA, O. da V. (1973) - Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 60-108.
- SOARES, A. M. M. (1988) - O povoado do Passo Alto. Escavações de 1984. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª Série, 3, p. 89-99.
- SOARES, A. M. M. (1996) - Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 103-116.
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. de F.; CABRAL, J. M. P. (1994) - Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcólicos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. - *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 165-200.
- TOSCANO, F. G. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva: Universidad.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. da; GONÇALVES, A. A. H. B. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 5-29.